

Tornando visíveis práticas invisíveis de professores de arte: narrativas autobiográficas

Rosvita Kolb-Bernardes¹

RESUMO

A disciplina de Prática de Ensino de Arte toma a atividade artística do licenciando como fonte de reflexão para a docência. Essa ação leva às seguintes questões: o processo de criação alimenta a prática docente? A prática docente influencia o processo de criação do artista-professor? Neste artigo, são apresentados resultados de uma pesquisa que tem como proposta analisar a prática artística e a prática docente de um grupo de professoras da educação básica. Buscamos indícios que revelam os caminhos que essas professoras têm construído ao longo de suas práticas como educadoras, artistas e pesquisadoras.

PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores; Memória; Ensino de arte

Making visible invisible practices from art-educators: autobiographical narratives

ABSTRACT

The discipline of Art Teaching Practice takes the artistic activity of a student as a source of teaching reflection. This leads to the following questions: can the artistic activity help the teaching practice in classroom? Does the teaching practice influence the creation process? In this paper, artistic and teaching memories and practice of a group of teachers from basic education have been analyzed as an attempt to elucidate these issues. This analysis reveal the ways constructed by the teachers.

KEYWORDS

Teachers formation; Memory; Art education

¹Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação/UNICAMP. Mestre em Educação pela PUC/SP. Licenciada em Desenho e Plástica pela Universidade Feevale, especialista em Arte/Educação pela USP. Professora da Escola Balão Vermelho. Professora efetiva da Escola Guignard da UEMG. E-mail: rnf.bhz@terra.com.br – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

INÍCIO DE CONVERSA

A alma é invisível, um anjo é invisível, o vento é invisível, o pensamento é invisível, e (...), com delicadeza, se pode enxergar a alma, se pode adivinhar um anjo, se pode sentir o vento, se pode mudar o mundo com alguns pensamentos.
(MURRAY, 2001)

Embevecida pela delicadeza das palavras da poetisa Roseana Murray, gosto de pensar que ainda temos tempo de mudar o mundo, tornando os nossos pensamentos, a nossa prática os nossos desejos e sonhos, mais visíveis, deixando que o professor perceba a si, o outro e as coisas que estão ao seu redor.

Sou professora de Arte do Ensino Fundamental e leciono também, já há alguns anos, a disciplina de Prática de Ensino de Arte, no curso de Licenciatura de Educação Artística da Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais. Esta disciplina tem como princípio tomar a atividade artística do licenciando como fonte de reflexão para a docência. Faz parte do conteúdo dessa disciplina acompanhar a prática artística dos alunos em processo de formação durante o estágio supervisionado.

Para o presente artigo, escolhi trazer alguns fragmentos sobre a prática artística e prática docente de uma professora licenciada pela Escola Guignard da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), que faz parte da minha pesquisa de doutorado. Busco revelar alguns indícios sobre o caminho que esta professora tem construído no seu processo de ser professora-artista-pesquisadora, e de que forma esta investigação pode dar visibilidade também ao meu caminho, que sou professora assim como ela.

Em 2008 criamos um grupo de estudo a partir da disciplina de Prática de Ensino do Curso de Licenciatura de Educação Artística, da Universidade do Estado de Minas Gerais, que tinha a função de ser um espaço de discussão e reflexão de formação continuada para ex-alunos já professores. Nesse mesmo grupo, recolhi os dados para a minha pesquisa e inclusive os indícios para esse artigo.

Penso que é interessante destacar, que o Grupo de Estudo, assumiu a forma de um ateliê biográfico, inspirado nos fundamentos e procedimentos utilizados pela pesquisadora francesa Delory-Momberger (2008) e da Pedagogia da Autonomia de Freire (2004) com uma metodologia que se destacava ora pela escrita, ora pela arte. Isto quer dizer que, faziam parte dos encontros a leitura em voz alta das narrativas escritas, além dos trabalhos plásticos com as nossas memórias, que às vezes transformavam-se em tecidos bordados, e outras em cadernos de artista costurados.

ALGUNS INDÍCIOS: O CAMINHO DA PROFESSORA-ARTISTA AMANDA LOPES²

É curioso descobrir como um planejamento de aula pode gerar um trabalho artístico e vice-versa. (LOPES, 2008)³

Assim como foi curioso para a professora Amanda Lopes descobrir que um planejamento de aula poder gerar um trabalho artístico, foi curioso descobrir neste seu comentário um ingrediente que eu tanto procurava: que influência a prática da docência poderia exercer no processo de criação do artista? Ou vice versa?

Ao conhecer Amanda Lopes como aluna do curso de Pós Graduação de Arte e Cultura da mesma Universidade, convidei-a a participar do nosso grupo de estudo que tinha a função de acolher ex-alunos da Escola Guignard. Lembro que, logo em um dos primeiros encontros do grupo de estudo, Amanda trouxe um relato da sua experiência com a prática docente e artística e suas reflexões sobre a criação de uma performance a partir do feijão.

Ela conta que ao ver o seu pai trazendo do Norte de Minas um feijão chamado Andu, começou a ter várias ideias para o seu trabalho artístico: “(...) atuo na área da pintura, da escultura e da instalação, fazendo uso constante do desenho, da fotografia e das mídias digitais como ferramentas de construção dos meus trabalhos, mas nunca utilizei a performance. Apesar da dificuldade imposta pelo desconhecido, uma necessidade interior impulsionava-me a enfrentar esse desafio como sendo o momento adequado de tentar preencher uma lacuna em minha formação como artista.”⁴

Estava diante de um relato de uma professora, que apesar da dificuldade imposta pelo desconhecido, alguma necessidade interior impulsionava-a a enfrentar o desafio na busca de preencher uma lacuna na sua formação artística: fazer uma performance.

Ela segue falando das suas dúvidas de como poderia nascer a ideia de fazer uma performance, de um mistério que a envolvia naquele momento. Lembro-me que algumas pessoas participantes do grupo, ficaram intrigadas: Como assim mistério? Você está falando do seu processo de criação?

A professora e pesquisadora sobre Histórias de Iniciação de Artistas, Albano (2007, p. 88) escreve que “o mistério da criação deve permanecer mistério.” Penso que,

² A aluna-professora autorizou à autora a citar o seu nome

³ Fala da aluna-professora Amanda Lopes em entrevista cedida à autora no ano de 2008

⁴ Entrevista cedida à autora no ano de 2008

Amanda não tinha intenção de desvendar o mistério da criação, mas estava em busca de um caminho para o seu processo de criação.

Para poder mergulhar no seu processo artístico, ela decidiu sentar-se no chão, com os pés descalços, despejando todo feijão à sua frente, iniciando um movimento com os pés e com as mãos, na tentativa de sentir os grãos: espalhando, juntando, organizando, recolhendo, colocando, retirando e pegando.

Amanda conta que, estas ações se revezavam repletas de silêncio e concentração. E que esta alternância de movimentos, lhe trouxe à lembrança o catar feijão que fez parte da sua infância na cidade de Sabará, Minas Gerais. Lembrou-se também das suas aulas, com as crianças pequenas, enquanto tocava os grãos com as mãos.

Percebo nesta descrição que, ao mesmo tempo em que Amanda pensava nas suas aulas, na sua prática docente, a exploração da plasticidade do feijão conduziu-a também para a sua prática artística.

Na tentativa de desvendar o caminho estético que esta professora tem perseguido entre a sua prática artística e docente, observo uma narrativa que vai da ação da experimentação do material, para a ação do rememorar. Em outras palavras: a experiência artística, que nasce na ação da manipulação do material plástico (feijão), volta-se para a lembrança do catar feijão na infância.

Num outro momento, da sua formação acadêmica, fui leitora de sua monografia⁵ de final do curso de Especialização Arte e Cultura, por meio do qual, em diferentes trechos, o seu movimento de voltar para infância ao planejar uma aula também aparece: “Descobri algo em comum entre nós culturalmente, que facilitou nossa identificação e o nosso diálogo. Não bastou só ter o calendário na mão. Acrescentei á nossa convivência a minha lembrança de infância”.⁶

Em outro trecho da sua monografia, ela apresenta para os alunos, alguns movimentos corporais. Destacando que na adolescência fazia aula de dança moderna. Interessante observar que a aula de dança moderna da adolescência, volta com toda força na fase adulta na busca da criação de uma performance.

Lembrei-me de que, durante a escrita de sua monografia Amanda me procurou algumas vezes em busca de mais bibliografia sobre Autobiografia e História de Vida. Apesar de ter apresentado durante as nossas aulas de Prática de Ensino e no curso de Especialização

⁵**Reflexões sobre a Prática Formadora:** Educação pela Convivência, Belo Horizonte, 2008

⁶LOPES, A. **Reflexões sobre a Prática Formadora:** Educação pela Convivência. Belo Horizonte, 2008. Monografia defendida ao final do curso de especialização Arte e Cultura da UEMG.

de Arte e Cultura, alguns autores dentro deste campo de pesquisa, ela queria saber mais. Quando perguntei por que deste interesse, ela me respondeu: “Porque eu acredito que nós levamos para a sala de aula mais do que conteúdos acadêmicos: levamos experiências da nossa história de vida.”⁷

Em busca de tornar visível o caminho que ela tem construído como professora, eu tenho me indagado sobre os possíveis elos que poderiam ser encontrados, entre a sua experiência artística e docente, e a ação do lembrar, como possibilidade formativa para as suas aulas e para o seu trabalho artístico. Neste sentido, indagar e debruçar-me sobre o possível caminho que Amanda tem construído na sua prática artística e docente, foi como se tivesse indagando-me a mim mesma, também sobre o meu percurso como professora como artista e pesquisadora.

OLHANDO PARA O OUTRO: ENCONTRANDO-ME

Ao observar com cuidado a performance de Amanda, desenvolvida a partir da sua memória de infância, lembrei-me não sei por que, também da minha infância, quando morava em São Leopoldo, cidade de imigração alemã no Rio Grande do Sul.

Morei até meus 19 anos nesta cidade no Morro do Espelho, estudando no Colégio Sinodal, escola de influência alemã e luterana. Como por muito tempo essa escola mantinha também alunos internos, fazia parte também das suas dependências além dos dormitórios, um refeitório e uma cozinha enorme.

A performance de Amanda me levou para este lugar, ao encontro com uma senhora, Dona Emília, que trabalhava na cozinha catando o feijão. Nesses anos todos em que morei lá, não me lembro de vê-la fazer outra coisa a não ser catar feijão para alimentar 300 alunos famintos.

Pela minha mãe, soube que ela e outras senhoras que trabalhavam na cozinha da escola, chegaram meninas lá... querendo trocar a vida sofrida do campo, pela da cidade. Na minha memória de criança lembro-me de uma senhora de cabelos grisalhos, óculos, de pouca conversa. Calada. Lembro-me que a casa em que morei boa parte da minha vida, era muito grande e antiga.

⁷ Entrevista cedida pela aluna-professora à autora no ano de 2008.



FIGURA 1 – Casa construída 1936 em São Leopoldo/RS⁸

Dona Emília também morava na mesma casa e nas noites, em que meus pais saíam, ela nos acolhia no seu quarto, contava história da sua vida na cidade de São Vendelino/RS onde ela conheceu, e onde o meu avô que era pastor da Igreja de Confissão Luterana no Brasil.

Na tentativa de compreender o meu caminho como professora, o trabalho artístico da Amanda não só me levou de volta a minha infância, mas me trouxe de volta a imagem de uma instalação que fiz numa feira de cultura na escola Guignard no ano de 2000. Assim como, a instalação, Ouvindo o Mundo, organizada no parque Lagoa do Nado, em Belo Horizonte em 2010.



FIGURA 2 – Performance Andu⁹

⁸ FONTE – Acervo pessoal Rosvita Kolb-Bernardes

⁹ FONTE – Acervo pessoal Amanda Lopes

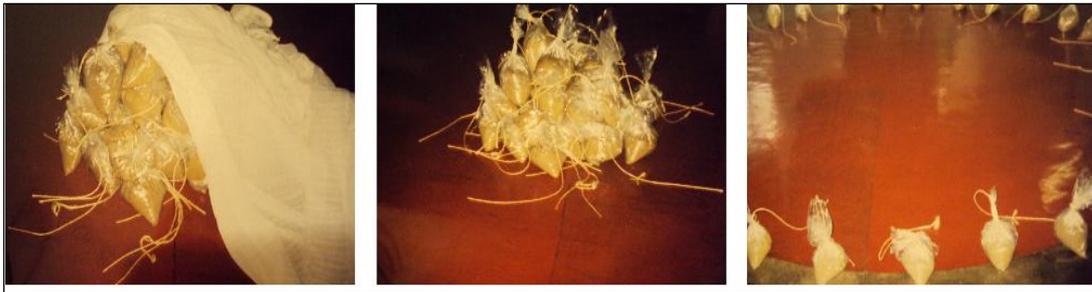


FIGURA 3 – Feira de Cultura 2000¹⁰



FIGURA 4 – Ouvindo o Mundo 2010

Poder olhar para a experiência artística da professora Amanda, possibilitou-me um exercício de retomada do meu próprio caminhar artístico. Quando falo aqui do meu caminho artístico, parto do princípio de que mesmo que o licenciado faça a opção em ser professor, precisa ter uma prática artística.

Ao ouvir a professora Amanda, veio a minha memória, o meu papel como professora-artista-pesquisadora carregado de muitas perguntas. Afinal qual o lugar eu tenho ocupado na formação com os alunos e professores? O que me faz ser a professora que sou? Qual o percurso formativo, artístico que tenho perseguido? O percurso da auto-formação? Afinal de contas como se forma um professor-artista e pesquisador? Para ajudar na reflexão, nada melhor do que diz Nóvoa:

(...) o formador forma-se a si próprio, através de uma reflexão sobre os seus percursos pessoais e profissionais (auto-formação); o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e às emoções (hétero-formação); o formador forma-se através das coisas (dos saberes, das técnicas, das culturas, das artes, das tecnologias) e da sua compreensão crítica (eco-formação). (NOVOA *apud* JOSSO 2004, p. 16)

Gosto desta ideia: que o formador forma-se através das coisas, forma-se a si próprio e na relação com os outros. Penso que isso acontece quando os alunos da graduação

¹⁰ FONTE – Acervo pessoal Rosvita Kolb-Bernardes (Idem Figura 4).

vão para escola fazer estágio. De acordo com (PRADO et al., 2008:33) apreendem com o outro, através da observação da reflexão e do diálogo com outros professores, e quem sabe as experiências formativas que acontecem nesse encontro podem contribuir para uma construção pessoal?

Pensando que podemos apreender a partir da experiência do outro, percebo que ao olhar para a prática artística da professora Amanda, eu descobri na sua performance a criação de uma cena com o corpo presente. Entendendo aqui, segundo Merleau-Ponty (1971:126) o corpo como expressão, movimento, lugar e tempo, apresentando um continuo movimento de catar feijão, e onde os gestos se repetem na busca de um saber sensível. A mão da artista, pertencente ao seu corpo e ao seu pensamento, alimenta-se de ambos: corpo e pensamento, tornando-se matéria expressiva.

Ainda pensando em Merleau-Ponty (1971:50) quando esta fala que o pintor emprega o seu corpo, ou melhor, empresta seu corpo ao mundo, embriago-me por este corpo-sujeito presente na performance Andu, na tentativa de dar visibilidade ao meu caminho como professora.

Na tentativa de buscar indícios entre um trabalho e outro, vejo nas instalações montadas, por mim na Guignard e no Parque Lagoa do Nado e a performance do feijão Andu de Amanda Lopes, elementos plásticos como o feijão, a terra, o tecido, apresentando como elo a forma circular, presente em todos os trabalhos.

Poder olhar para o trabalho artístico da Amanda, foi como se eu estivesse ouvindo a mim mesma. Foi como se ela me conduzisse de volta a minha infância, a minha história a minha prática artística, para o espaço do ateliê como lugar da experimentação, de criação. Lugar das ideias.

REFERÊNCIAS

ALBANO, Ana A. **Histórias de iniciação na arte**. In: ORMEZZANO, G. (Org.) **Educação estética: abordagens e perspectivas**. Brasília: MEC; INEP, 2007. p. 85-96.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRRN; São Paulo, SP: Paulus, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30 ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2004.

JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, SP: Cortez, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o Espírito**. São Paulo, SP: Cosacnaify, 1971.

MURRAY, R. **Manual da delicadeza de A a Z**. São Paulo, SP: FTD, 2001

PIMENTEL, L. O ensino de Arte e sua Pesquisa: possibilidades e desafios. In: FRANCA, P.; NAZÁRIO, L. (Org.) **Concepções contemporâneas da arte**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 310-317.

PRADO, G. V.T. et al. GEPEC: da educação continuada ao desenvolvimento pessoal e profissional em uma perspectiva narrativa. In: SOUZA, E. C.; PASSEGGI, M. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.) **Pesquisa (auto) biográfica e práticas de formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 59-74.

SOUZA, E. C. O conhecimento de Si, as Narrativas de Formação e o Estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. **A Aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

Agradecimentos

Este trabalho foi parcialmente financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – Fapemig, através de bolsa do Programa PCRH.

Recebido em: 10/12/2010
Publicado em: 22/06/2011